

A COMUNIDADE NO PENSAMENTO DE EMMANUEL MOUNIER THE COMMUNITY IN THE THOUGHT OF EMMANUEL MOUNIER

Felipe Freitas de Araújo Alves¹
Renan Antônio da Silva²
Maria Celeste de Sousa³

RESUMO: A sociedade hodierna, fortemente marcada pelo individualismo, egoísmo, consumismo, egocentrismo e massificação, vive um enorme problema no que se faz alusão à vivência real da comunidade. O homem moderno, homem da técnica e da informática precisa se despertar para o outro, para as relações interpessoais. A civilização personalista comunitária proposta por Mounier surge como um grito de alerta diante desse mundo despersonalizado. Abordar a temática da comunidade implica na própria pessoa, pois ambos são como que um par inseparável, ou seja, “pessoa e comunidade estão como se diz hoje em dia em reciprocidade de perspectivas”. Apresentar-se-á neste trabalho um conceito geral da comunidade personalista e de sua construção que ocorre na luta entre o individualismo e coletivismo. Logo em seguida é abordado o tema da comunicação como ato fundamental para a vivência comunitária que tem seu princípio na experiência da segunda pessoa. Por fim, aborda-se a temática do amor em um âmbito geral e depois na perspectiva personalista como expressão máxima de doação, afinal, a pessoa não existe sem a comunidade e esta só existe quando formada por pessoas livres. O trabalho foi feito através de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Personalismo. Comunidade. Comunicação. Amor.

ABSTRACT: Today's society, strongly marked by individualism, selfishness, consumerism, egocentrism and massification, is experiencing a huge problem when it comes to the real experience of the community. The modern man, a man of technology and information technology, needs to awaken to others, to interpersonal relationships. The personalist communitarian civilization proposed by Mounier appears as a cry of warning in the face of this depersonalized world. Addressing the theme of community involves the person himself, as both are like an inseparable pair, that is, “person and community are, as we say nowadays, in reciprocity of perspectives”. This work will present a general concept of the personalist community and its construction that occurs in the struggle between individualism and collectivism. Soon after, the topic of communication is approached as a fundamental act for the community experience that has its beginning in the experience of the second person. Finally, the theme of love is approached in a general scope and then from a personalist perspective as the maximum expression of donation, after all, the person does not exist without the community and this only exists when formed by free people. The work was done through bibliographical research.

Keywords: Personalism. Community. Communication. Love.

INTRODUÇÃO

¹ Doutorando em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos. E-mail: felipe.jhs@hotmail.com

² Doutor em Educação Escolar. Universidade Federal de São Carlos. E-mail: renan@ufscar.br

³ Doutora em Filosofia. Faculdade Católica de Fortaleza. E-mail: celestejosefina@gmail.com

O presente trabalho tem como tema “A Comunidade no pensamento de Emmanuel Mounier”. O objetivo desta pesquisa é apresentar a abordagem que este filósofo faz acerca da comunidade. Na sociedade hodierna, marcada pela tecnificação vive-se uma grande crise, onde o valor da pessoa e da comunidade foi colocado de lado. O importante tem sido a mecanização e o egocentrismo. Com a constante busca das relações individualistas, a vivência da alteridade é algo tido como ultrapassado. O que realmente importa é o *eu* centrado em si mesmo. Toda pessoa precisa ser valorizada e respeitada como tal em sua individualidade, para assim, construir-se uma sociedade mais humana, menos individualista, focada nos valores cristãos, isto é, uma sociedade de homens livres. Nesta perspectiva torna-se importante o estudo do Personalismo de Emmanuel Mounier que parte, exatamente, da valorização da pessoa humana enquanto protagonista da sociedade, como sujeito de transformação da realidade em que se encontra. Uma pessoa engajada na comunidade que vive na mesma o grande dom da sua liberdade. Diante da realidade atual, onde existe uma reificação do ser humano, pensar sobre a pessoa e sobre a comunidade da qual faz parte é um grito de alerta, e eis o grito de Mounier.

Assim, será abordado o tema da comunidade, ou seja, a importância do outro, bem como toda a contribuição que ele pode nos oferecer. Na alteridade pode-se crescer como pessoa, pois nessa experiência de comunhão e inter-relacionamento somos chamados a não desprezar o que o mundo do outro tem a oferecer. Assim, apresentar-se-á uma visão geral da comunidade personalista que combate o individualismo e o coletivismo. Logo após é abordado o aspecto primitivo da comunicação para, enfim, apresentar-se grande tema do amor que é, primeiramente, abordado do decorrer da história da filosofia até culminar na visão personalista do mesmo. Motivado pelos elementos supracitados e pelo apelo do Joseph Ratzinger, que pediu aos jovens filósofos que trabalhassem a temática antropológica em seus trabalhos de pesquisa, refletir sobre a temática da comunidade é algo salutar. Sendo Mounier um filósofo cristão e percebendo que sua abordagem filosófica está dentro de uma antropologia de defesa da pessoa na comunidade, onde pensamento e ação andam juntos, acredito ser de suma importância a abordagem do tema aqui proposto para, assim, realmente perceber que a pessoa é sujeito do tempo e da história.

1. CONCEITO GERAL DE COMUNIDADE

O homem é um ser essencialmente sociável: sozinho não pode vir a este mundo, não pode crescer, não pode educar-se, não pode, nem ao menos, satisfazer as suas necessidades mais elementares nem realizar suas aspirações mais elevadas; ele pode obter tudo isso apenas em companhia com os outros. Por isso, desde o seu primeiro aparecimento sobre a terra, o homem é encontrado em grupos sociais, no começo, muito pequenos (como a família, o clã, a tribo) e depois maiores (como a aldeia, a cidade, o Estado). Intrínseco ao homem encontra-se a sociabilidade como consequência imediata das capacidades mais vinculadas a ele que são: “o conhecimento, a corporeidade, a linguagem, a liberdade e o amor” (RAMPAZZO, 1996, p. 43). O conhecimento coloca o homem em contato com o mundo. A linguagem permite o homem manifestar as suas ideias. O corpo lhe dá a capacidade de trabalhar. O amor e a liberdade aparecem com a disposição de doar a própria vida. Na base das relações humanas existe um par *eu* e *tu* que juntos formam o *nós* comunitário. A partir dessa relação é que a comunidade se torna possível. A relação humana é verdadeira quando existe o encontro intersubjetivo e neste um reconhecimento mútuo. Segundo Lorenzon, existem dois princípios fundamentais que direcionam a comunidade:

1º- “Não existe civilização comunitária que não seja fundada sobre uma base de respeito à pessoa”. Confundir a comunidade com o número ou simplesmente com a massa anônima, denotaria um desconhecimento total da dignidade singular da pessoa, de sua iniciativa criadora. A aceitação desse princípio supõe correlativamente a aceitação de uma espécie de explosão contínua e imprevisível da pessoa. Por outro lado, é graças a esse poder que as sociedades nascem e renascem de sua morte. 2º- “Complementariamente, é preciso afirmar que a pessoa não existe separadamente da comunidade onde ela se encarna”. Se cada um de nós é, em última análise, o principal responsável por seu destino e o artífice de sua vocação, é verdade também que não nos salvamos sozinhos, mas *com* e *dentro* de uma comunidade humana. Resultaria vão e irrealista o esforço de querer estabelecer uma comunidade humana esquecendo seus princípios fundamentais. Trata-se de exigências inseparáveis, tanto no plano especulativo quanto no prático. (LORENZON, 1996, p. 11).

Sendo assim, de forma gradativa, se experimenta a comunhão, a solidariedade que vão se estendendo a toda a humanidade. Diante dessa realidade, Mounier pensa a experiência comunitária como uma experiência próxima, que busca relações autênticas. É

preciso que haja um aprendizado do “eu”, mas este deve ser conduzido a um “nós” através da proximidade com o outro. A comunidade não é apenas a soma de indivíduos. Ela vai, além disso. Do mesmo modo que o valor da pessoa não pode ser calculado a comunidade transcende a puras manifestações sociológicas. “A verdadeira comunidade aproxima os homens, apesar das dificuldades mais ou menos graves, apesar das crises mais ou menos dramáticas que, aliás, fazem parte essencialmente da nossa condição humana” (LORENZON, 1996, p. 12). A comunidade é um constante fazer e isto advindo da própria liberdade humana que é criadora. A comunidade deve salvaguardar a vocação específica e insubstituível de cada pessoa. Isto é dizer que comunidade e pessoa devem estar pautadas na reciprocidade e complementaridade, ou seja, uma não está acima da outra. Para que não haja equívoco quanto a isso, Mounier afirma: “a comunidade não é tudo, mas a pessoa humana isolada não é nada” (MOUNIER *apud* LORENZON, 1996, p.13)

O Personalismo é uma corrente comunitária contra a civilização moderna. Para Mounier, a comunidade está para além do individualismo e de formas inferiores de comunidade⁴. O outro que deveria ser visto como um jardim de delícias é um deserto do qual se esquiva. Por conseguinte, cria-se uma sociedade individualista, onde os seus integrantes usam máscaras, enganando-se a si mesmos e aos outros para, assim, evitarem a verdade que surge no “encontro do olhar dos outros e do nosso próprio olhar” (MOUNIER, 1964, p. 61). Mounier define o individualismo da seguinte forma:

O individualismo é um sistema de costumes, sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa. Foi a ideologia e a estrutura dominante da sociedade burguesa ocidental entre os séculos XVIII e o século XIX. Homem abstrato, sem vínculos nem comunidades naturais, deus supremo no centro duma liberdade sem direção nem medida, sempre pronto a olhos os outros com desconfiança, cálculo ou reivindicações; instituições reduzidas a assegurar a instalação de todos estes egoísmos, ou seu melhor rendimento pelas associações viradas para o lucro; eis a forma de civilização que vemos agonizar, sem dúvida uma das mais pobres que a história jamais conheceu. É a própria antítese do personalismo e o seu mais direto adversário. (MOUNIER, 1964, p. 61-62).

⁴ A expressão “formas inferiores de comunidades” se refere a comunidades mecânicas e comunidades vitais baseadas na raça e laços sanguíneos.

Perante essa definição do que é o individualismo, Mounier faz uma oposição entre pessoa e indivíduo. Este em seu momento de interiorização é uma contribuição que assegura a forma da pessoa. Contudo, esta “só cresce na medida em que sem cessar se purifica do indivíduo que nela está” (MOUNIER, 1964, p. 62). Para conseguir isto, a pessoa deve tornar-se disponível e assim, estando em si, vai além de si, isto é, encontra o outro. A pessoa supera seu individualismo e se torna pronta para os outros. Segundo Moix (1968, p. 144), o individualismo nasce na Renascença e é sistematizado pelos teóricos políticos e moralistas do século XVIII e se torna inimigo direto do espírito comunitário. Cada um vive por si e todos estão satisfeitos, eis a doutrina individualista. O lugar do outro não existe, pois este sempre é olhado com desconfiança. O lucro se torna o deus único do individualismo e é “um dos mais pobres que a História conheceu. É a antítese do personalismo e seu adversário mais próximo” (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p. 144). O individualismo é o oposto do Personalismo. Fundado em um falso humanismo, aquele disfarça civilizadamente o instinto de poder.

De acordo com Mounier, a grande preocupação do individualismo é fazer o indivíduo se centrar em si mesmo, indiferente ao outro e não se importar com o espiritual. Ao contrário disso, o Personalismo almeja descentrar o indivíduo com a finalidade de proporcionar a esta a grande perspectiva de abertura da pessoa, o que proporciona a esta a sua própria afirmação. O Personalismo, também, apresenta-se como uma atitude ati-coletivista, opondo assim, comunidade e coletividade. Mounier preza pelas pequenas comunidades e não apresenta com bons olhos as maiores (massas), pois “pode ser difícil alcançar a humanidade por sobre grandes massas; e sem dúvida devemos elaborar as mais vivas experiências nas sociedades menores” (MOUNIER, 1964, p. 71). Para Mounier é errado estabelecer a universalidade se esquecendo da pessoa, ou seja, cria-se um mundo impessoal e irresponsável onde o outro não é mais que mero objeto. Acima deste mundo impessoal, há a sociedade *em nós outros*. “Há um momento em que o indivíduo e suas avarezas parecem abafados. É quando a massa se abala e diz: *nós outros*. Nós, proletários. Nós, fascistas. Nós, antigos combatentes. Nós, jovens” (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p. 150).

Parece-se então que não existe mais um mundo de indiferença total, porém, as sociedades-em-nós tende à despersonalização. Ao colocar o interesse de um determinado partido acima de tudo revela uma fuga do engajamento pessoal, uma negação dos deveres

de homem. O fascismo é o melhor exemplo da sociedade-em-nós.⁵O simples fato de pertencer a determinado grupo não caracteriza o espírito comunitário. O nascimento da comunidade não ocorre com o anular-se das pessoas, mas com a sua plena promoção. A diferença do *nós* de um grupo para o *nós* comunitário consiste em que: aquele não passa de um aglomerado de individualidades mais ou menos impessoais e este se realiza quando “cada um dos membros descobriu cada um dos outros como Pessoa, e começa a tratá-la como tal, a compreendê-la como tal” (MOUNIER apud MOIX, 1968, p. 152). Não se pode fundar uma comunidade esquecendo-se da pessoa. O Personalismo, enfim, combate o individualismo e o coletivismo. Reage contra a solidão e separação individualista, da mesma forma que reage contra a confusão coletivista. Ambos abalam o verdadeiro espírito comunitário.

2. COMUNICAÇÃO

A pessoa traz em si uma tendência inata para os outros, pois ela é relação. É notório que, a pessoa está inserida em uma rede de relações e, que o fechar-se em si leva a uma triste degradação dos seres humanos e da humanidade. Ambos estão intimamente relacionados, pois “só há humanidade porque há seres humanos, mas nos tornamos humanos dentro desta humanidade, vivendo esta natureza, com os outros com quem nos relacionamos” (MANZANO, 2010, p. 21). Reconhecer o outro que é semelhante e ao mesmo tempo diferente é uma experiência fundamental na vida pessoal e comunitária. Sendo assim, torna-se evidente a comunicação, pois a vida pessoal e comunitária ocorre no diálogo. Pode-se definir a comunicação como uma espécie de troca de sinais que ocorre entre um indivíduo e outro, entre o indivíduo e o grupo e entre grupos. Na pessoa a comunicação adquire um privilégio que é a linguagem. A comunicação humana ocorre de diversas formas (sinais, mímicas, gritos), porém, sua marca maior é a verbalidade. Esta mostra a saída de si mesmo e consequentemente uma experiência do outro. Neste sentido, a comunicação “é reveladora

⁵ Mounier faz uma distinção entre sociedade vital e sociedade-em-nós. Para ele, esta é superior àquela devido a certa espiritualidade, embora vaga. A sociedade vital é o tipo de sociedade cujo laço se constitui a um fluxo vital comum, por exemplo, a família. Dessa forma, muitas famílias não passam de meras associações e não são verdadeiras comunidades espirituais. A família que se apega apenas aos laços sanguíneos tende para uma sociedade egoísta, ou seja, são as chamadas, hoje, “fami – ilhas”. Cf. MOIX, 1968, p. 151.

de uma união intersubjetiva” (LORENZON, 1996, p. 24). Ultrapassam-se os diversos sistemas (símbolos, sinais) e se chega a um reconhecimento, quer dizer, certa afinidade interpessoal.

Como então apresentar a experiência inicial da pessoa? Para o Personalismo tal experiência é um ato fundamental de encontro e diálogo e não o contrário, uma experiência de solidão, separação e isolamento. A pessoa ocupa um espaço e neste não está sozinha, separada, mas se encontra em profunda comunicação e isto já ocorre na experiência primitiva da pessoa. A experiência primitiva da criança, segundo Mounier, consiste na sua própria formação a partir do outro. Na experiência interior a pessoa é uma presença voltada para as outras pessoas e para o mundo. O outro não limita a pessoa, mas a faz crescer. Nessa experiência primitiva a pessoa “não existe senão para os outros, não se encontra senão nos outros. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O *tu* e adentro dele, o *nós*, precede o *eu* ou pelo menos acompanha-o” (LORENZON, 1996, p. 24.), isso equivale a dizer que a formação subjetiva depende da intersubjetividade. Em síntese, a comunicação exerce um papel significativo na descoberta de si e, na construção e identificação da alteridade.

Nessa relação frente a frente, Mounier, mostra a íntima relação entre dois seres semelhantes ou próximos. A relação *Eu – Tu* não possui de forma alguma a mesma intensidade e incidência afetiva da relação *Eu – Isto*, que não passa de uma relação objetual. Esta quando ocorrida entre pessoas revela uma distorção da relação inter-humana. De acordo com Mounier, a comunicação em Sartre revela essa distorção, pois consiste no desejo de submissão. A pessoa é um tirano ou um escravo. O outro abre uma ferida no universo pessoal e dessa maneira a pessoa se esvazia. Com efeito, o outro vaza aquilo que de mais íntimo a pessoa tem que é a liberdade. A presença do outro é como um veneno que mata a liberdade, o seu olhar é como um ladrão que rouba o universo pessoal, suas escolhas paralisam a pessoa. Sendo assim o outro representa à minha pessoa um ataque, a pessoa torna-se exposta e sem defesa. Para se defender, de acordo com Sartre, o homem deve recuperar a sua liberdade que nada mais é que transformar o outro em objeto. Ao conceber o outro como objeto não é possível atingi-lo, “a dialética do outro, como transcendência, é um movimento centrífugo e centrípeto para um *intimuis intimo meo*” (MOUNIER, 1963, p. 151). A visão de Sartre do outro apenas exprime um mundo de possessividade, em um

projeto de indisponibilidade. Dessa forma é mais fácil avaliar as dificuldades da comunicação humana, pois quando a relação interpessoal é mal interpretada e mal vivida, a comunicação é frágil.

Partindo do fator primitivo, Mounier, percebe que a pessoa existe na medida em que existe para os outros, logo, o Personalismo tem como objetivo uma civilização personalista e comunitária. Deste modo, “o primeiro ato da pessoa deve ser, pois a criação com outros de uma sociedade de pessoas, cujas estruturas, costumes, sentimentos e até instituições estejam marcados pela sua natureza de pessoas” (MOUNIER, 1964, p. 65), ou seja, construir uma sociedade verdadeiramente humana. Compreender o outro é um fator primitivo da consciência e constitui uma experiência primordial da própria existência. Diante dessa realidade surge a grande pergunta: como construir uma civilização personalista comunitária? Para responder a esse questionamento, o Personalismo aponta alguns atos originais. Primeiramente a pessoa deve *sair de si* própria, isto é, vencer a tendência de uma postura egocêntrica, individualista. Em segundo lugar entra a esfera da *compreensão*, é preciso diante do outro ter a atitude de acolhida sendo “todo para todos sem deixar de ser, e de ser eu” (MOUNIER, 1964, p. 66). Dessa compreensão surge o *assumir* aquilo que é do outro, suas alegrias, tristezas, ou seja, ser solidário, ter compaixão. Em quarto lugar encontra-se a atitude da *doação*, ser generoso, viver a gratuidade, quer dizer, não esperar nada em troca. “A generosidade dissolve a opacidade e anula a solidão da pessoa, mesmo quanto esta nada recebe em troca” (MOUNIER, 1964, p. 66). Finalmente chegar-se-á à *fidelidade*. Nas diversas relações pessoais é preciso que haja uma continuidade. Sendo assim, “a fidelidade pessoal é uma fidelidade criadora” (MOUNIER, 1964, p. 65). As relações pessoais são *dialéticas* e confirmam o próprio ser pessoa.

O outro não deve ser tratado como objeto, como instrumento. Ele deve ser tratado como sujeito e sujeito presente, sabendo “reconhecer que não o posso definir, nem classificar, que ele é inesgotável, pleno de esperanças, esperanças que só ele dispõe; é acreditar”⁶. O outro é liberdade e, como tal, colabora com a minha liberdade e eu com a dele. Ele não é limite do eu, mas a sua própria fonte. A comunicação só ocorre com o sentido da alteridade e, isto é o respeito pelo outro. Este é diferente de mim, mas pelo respeito que lhe

⁶ *Id.*

dou, o faço meu semelhante. Para a realização da comunicação a pessoa deve sair de si, mas sem deixar de ser quem é. É sensato dizer que nem sempre em todas as relações humanas ocorre uma comunicação verdadeira. E por que isso acontece? Para Mounier por diversas vezes o outro nos escapa de forma parcial e nunca nos encontramos plenamente seguros nas relações. Mesmo naquelas mais profundas parece que existe um mal entendido, salvo “raros momentos em que a certeza da comunhão é mais forte que todas as análises e que servem de viático para a vida inteira. Tal é a profunda solidão do amor; quanto mais perfeito este, mais aquela é sentida”⁷. De acordo com Mounier, existe no ser humano uma espécie de má-vontade que dificulta a reciprocidade, existe algo que é inerente a própria natureza humana, certo egocentrismo entre os homens que é manifesto nas relações interpessoais. Dessa forma, a pessoa se encontra no universo “na maior parte das vezes mais exposta do que rodeada, mais abandonada do que comunicada”⁸. Vive-se um mundo partido.⁹ Diante dessas dificuldades faz-se necessário lutar contra as mesmas de modo que, a sociedade seja atingida de forma concreta, pois “só outras estruturas nos permitirão eliminar os resíduos do individualismo”¹⁰. Para isso é preciso que se tenha o sentido de maturidade e isto é: amar.

3. O AMOR

Na metafísica de Aristóteles é o amor que move a matéria e todas as coisas deste mundo em direção ao seu objetivo final: Deus. O amor também desempenha um fundamental papel como valor moral. De fato, entre os valores morais, a amizade baseia-se essencialmente no amor: ela não é nada senão o amor desinteressado de outra pessoa. Porém, com o cristianismo aparece um novo conceito de amor: não mais o amor *Eros*, mas o *Ágape*, caridade. Para os gregos o amor é o sinal de pobreza espiritual, no cristianismo o amor é positividade e perfeição do ser: quanto mais o indivíduo é perfeito, mais ele ama. O próprio Deus ama. A vida íntima de Deus é o amor: a relação de amor entre o Pai e o Filho é o Espírito Santo, de onde provém a Caridade. Mas a *caritas* não é sentimento, *pathos*, fato

⁷ *Ibid.*, p. 69.

⁸ *Ibid.*, p. 70.

⁹ Mounier se utiliza da expressão *mundo partido* de Gabriel Marcel para demonstrar a dificuldade da comunicação.

¹⁰ MOUNIER, 1964, p. 70.

natural como o *eros* platônico na sua origem primeira: é, sim, ato de liberdade potenciado pela Graça divina. Por isso, ele não abarca somente os parentes e os amigos, mas também os inimigos. Agostinho afirma que:

O que anima a sociedade terrena (*civitas terrena*) é o amor próprio levado ao ponto de desprezar Deus; o que anima a sociedade divina (*civitas coelestis*) é o amor de Deus levado ao ponto de se desprezar a si mesmo. Uma tem o seu orgulho em si mesma, o orgulho da outra está em Deus; uma procura a glória entre os homens, a outra afirma que o conhecimento de Deus é a glória mais alta.¹¹

A partir de Hobbes e Spinoza o amor é reconduzido ao seu objeto particular imediato; a sensação e a idéia correspondente (Spinoza); individuado no homem o impulso instintivo para o bem-estar concreto e individual, como condição natural de todas as paixões, o amor é visto em relação com um complexo sensível que parece bom naquela dada circunstância e suscita aquele sentimento com uma necessidade natural (Hobbes). Com Freud, o amor retoma o seu lugar de impulso fundamental de tudo o que o homem pensa e faz; concebido simplesmente como instinto fisiológico, como paixão natural, como pura libido. Freud vê nos diversos aspectos do amor degeneração ou sublimação do impulso sexual originário. Já no existencialismo ateu de Sartre, também, o amor perde todo o significado: o outro não é nunca amigo para amar e nem igual para respeitar; é simplesmente rival, inimigo para odiar e eliminar. As relações humanas não levam senão a má-fé: “os outros são o nosso inferno.”

Nas filosofias cristãs de Blondel e Marcel, o amor conserva o valor de ato vital por excelência, um ato que o homem exerce livremente e que, portanto, pode ser endereçado tanto ao bem quanto ao mal. Para Blondel, “o ser é amor; não se pode conhecer nada que não se ama...”¹² Para Marcel, o amor é veículo e revelação existencial, que não só nos põe em contato com o mundo das coisas e dos espíritos, mas nos torna, sobretudo, participantes do Tu absoluto, de Deus, condicionado a fé e a esperança, que derrubam as barreiras que escondem o princípio misterioso do Ser. Assim, antes de tudo, o amor constitui dimensão fundamental da natureza humana: é a mola de cada desejo, de cada ação. O amor pode ser explicado de modos diferentes, dada a complexa natureza do homem: de modo espiritual ou de modo carnal; de modo egoísta ou altruísta, porém, ainda sendo o amor um sentimento

¹¹ AGOSTINHO *apud* MONDIN, 1980, p. 128.

¹² BLONDEL *apud* MONDIN, 1980, p. 129.

primário ele possui um dinamismo instintivo, mas, já que o homem é dotado, também, de razão e de liberdade, pode controlá-lo e exercê-lo livremente.

3.1 O amor no Personalismo

Para o Personalismo na base da comunicação se encontra o amor, pois é ele quem dá a ela a sua unidade. Sem o amor nada existe. No universo do outro, surge o amor que está para além de uma simples identificação, mas é uma força criadora que consiste em uma nova forma de ser. Por vezes as pessoas dizem de forma errônea, que o amor identifica. Somente no caso da simpatia, das afinidades eletivas que são a procura de algo bom que assimilamos ou mesmo uma busca de nós próprios no outro que nos é semelhante que tal afirmação é verdadeira. O amor plenamente realizado cria distinções, reconhece e afirma o outro enquanto outro. A simpatia se encontra no campo da afinidade natural, o amor é uma nova forma de ser. Aponta o sujeito para além da sua natureza; aspira a sua realização como pessoa, como liberdade, independente de seus dons ou defeitos, que não são essenciais aos seus olhos; a cegueira do amor é extra-lúcida. “O amigo não pede ao amado que este seja seu reflexo, nem que o console ou o distraia, mas que seja ele mesmo incomparavelmente e que provoque um amor incomparável”¹³.

O amor, desse modo, é um ato de força sem igual, se equivale ao *cogito* da própria existência, é o *amo ergo sum*, ou seja, “amo, logo o ser é e a vida vale (a pena ser vivida)”¹⁴. A relação interpessoal verdadeira é positiva, pois provoca e fecunda, isto é, provoca, pois o outro é diferente de mim e fecunda, porque ele é co-criador do meu eu. O amor é doação de si e plena comunhão. É a maior maneira de expressar que a pessoa não existe sem a comunidade. Ele é disponibilidade acolhimento, presença, compreensão, isto é, o agente transformador das várias relações humanas que se dão no respeito. Este dado ao outro quer levar a comunhão e é pautado por algumas atitudes fundamentais que Mounier aponta:

Jamais considerar um homem, uma mulher, como instrumento de uma coletividade, de um indivíduo, de uma ideologia; jamais reduzi-lo a uma das suas funções; fazer-se inteiramente para cada um segundo os caminhos de cada um; respeitar nele uma espécie de segredo indecifrável que transborda e ultrapassa todas as visões que eu possa ter sobre ele; ajudar nele uma

¹³ MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p. 146.

¹⁴ MOUNIER, 1964, p. 68.

espécie de projeto irrecusável que traça sua vocação própria na unidade de todos.¹⁵

É-se levado, dessa forma, a uma definição de uma comunidade ideal e a partir daí perceber a distância que se está dela. Na comunidade pessoal perfeita, cada pessoa se realiza plenamente na totalidade de sua vocação sempre fecunda e a comunhão comunitária ocorre através dessa realização pessoal e de sua vitória singular. Ao contrário daquilo que ocorre nas sociedades vitais, o lugar da pessoa é insubstituível e um desejo arraigado de todos. Somente o amor é o laço de tal comunidade e nela não ocorrem interesses vitais, econômicos. Nela cada pessoa é promovida aos valores superiores que a realizam e nestes estariam à capacidade comum de unir a todas as pessoas. A comunidade perfeita é utópica, parece um sonho. Porém, não deixa de ser o modelo mais perfeito daquilo que se deve ser, de algo que se deve esforçar em alcançar. Para os cristãos, ela está viva na comunhão dos santos que, na Igreja militante, tem apenas um esboço. Sua realização perfeita encontra-se na Comunidade Trinitária e nela toda comunidade temporal deve encontrar sua inspiração. No entanto não se pode exigir das pessoas o máximo de existência pessoal antes de formar a comunidade. Esta, sempre, tem suas imperfeições e está sujeita a degradação. Mas isso não aspira proferir que não se possa se aproximar da comunidade perfeita. No momento atual ela se encontra em relacionamentos a dois ou em um pequeno grupo de pessoas: “casal, amizade, pequeno grupo de companheiros fiéis”¹⁶. É difícilimo, sem dúvida, amar a todas as pessoas, todavia é louvável o esforço que se realiza para criar pessoas próximas a si. Quando isso ocorre a pessoa se torna mais disponível a todo homem que encontrar. É fato que nas comunidades existem conflitos e estes são inevitáveis. As pessoas têm suas imperfeições, mas isso não impede que o dever da comunidade que é buscar o bem da pessoa e, o dever da pessoa para a comunidade que é sacrificar o seu individualismo seja realizado com êxito. Dessa forma, somente através do esforço de amar se torna possível a construção de uma verdadeira comunidade de pessoas.

¹⁵ MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p. 148.

¹⁶ MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p. 153.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a caminhada percorrida pode-se analisar uma mínima parte da filosofia criada por Emmanuel Mounier, o Personalismo. Diante de um mundo individualista e altamente capitalista, a filosofia apresentada por Mounier é uma inovação e ao mesmo tempo um desafio singular para toda a humanidade. Como vida e filosofia, o Personalismo é uma das formas de defesa da pessoa, sem negar a esta suas devidas responsabilidades. Emmanuel Mounier denunciou o mundo em que viveu, mas soube apontar nele aquilo que era valor. Não foi um dogmático ao criticar, no entanto sempre esteve aberto a tudo aquilo que as realidades pudessem ensinar. Sempre atento a tudo, foi um homem engajado no espaço e no tempo. No mundo a pessoa não está sozinha, mas rodeada por outras pessoas. A subjetividade para Mounier é, também, intersubjetividade. O outro tem a missão de ajudar o *eu* a ser quem é. O ser humano, desde a infância é marcado pela relação com o outro, a experiência primitiva da criança é a experiência da segunda pessoa. Como foi dito anteriormente, o verbo existir significa sair de, ou seja, existimos à medida que entramos em contato com o outro, quando nos comunicamos com ele, quando se vive a alteridade. Poder conhecer o mundo que o outro propõe é estar aberto ao crescimento. Desse mesmo modo que a criança se forma e cresce: no comunicar-se com o outro. A experiência comunitária ocorre com a saída de si através de uma compreensão que me leva a assumir aquilo que é do outro e, isso tudo numa atitude de doação fiel. Tal atitude nada mais é que a vivência do fundamento da comunidade: o amor. Emmanuel Mounier, assim, como outros filósofos contemporâneos contribuiu e contribui fortemente para o mundo hodierno. Primeiramente pelo exemplo de sua própria vida, ele não apenas escreveu o que acreditava, mas, sobretudo, se esforçou em viver a sua própria proposta. O Personalismo é vida e filosofia e como tal continua a contestar o mundo atual.

Tendo a pessoa como fundamento de sua filosofia, Mounier jamais deixou de falar de tudo que é humano. Como já foi dito antes, a mesma pessoa que é corpo, também, é espírito. Abordando o tema da liberdade sob condições, o Personalismo combate a falsa liberdade daqueles que alegam que a liberdade está no fazer o que se quer. A liberdade real da pessoa tem suas condições, seus valores, pois é um dom divino e como tal não é centrada em si mesma, mas está sempre disposta a buscar a liberdade de todos. Na busca do outro enquanto

liberdade e não como escravo ou objeto que me utilizo, Mounier aponta a comunidade como algo indispensável para a própria realização da pessoa. Vê-se a grande valorização que o filósofo dá às pequenas comunidades. Observando as famílias de hoje, percebemos como estas tem perdido seu valor de comunidade de amor. O individualismo, que assola o mundo e que é antítese do Personalismo, começa dentro de casa. Cada um isolado no seu “mundinho”, no seu quarto. A família que deveria ser o cerne do despertar comunitário cultiva o individualismo e isso reflete diretamente em todas as outras relações intersubjetivas. Nas relações interpessoais reina a desconfiança, as amizades deixam de ter a sua beleza e passam a ser interesseiras. O crescimento que deveria ocorrer com o outro se dá acima dele. O cerne da comunidade que deveria ser o amor é o egocentrismo. Com profundo pesar que Mounier vê uma civilização despersonalizada e individualista, porém ele nunca deixou ter esperanças diante desse mundo, sempre acreditou que o amor é o laço real que une as pessoas em uma verdadeira comunidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. A Política. Rio de Janeiro. Edições de Ouro, 1993.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Brasília. Edições CNBB, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo. Loyola, 2000.

DICIONÁRIOS ACADÊMICOS. Latim – Português e Português – Latim. Porto. Portugal. Porto Editora, 2006.

LORENZON, Alino. A Atualidade do Pensamento de Emmanuel Mounier. Ijuí. Unijuí, 1996.

MANZANO, Rodrigo dos Santos. A alteridade como desafio. In: Filosofia. São Paulo. Ano V, Nº 50, pp. 21-27. Agosto/2010.

MOIX, Candide. O Pensamento de Emmanuel Mounier. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1968.

MONDIN, Battista. O HOMEM, QUEM É ELE? Elementos de Antropologia Filosófica. São Paulo. Paulinas, 1980.

MOUNIER, Emmanuel. O Personalismo. São Paulo. Duas cidades, 1964.

_____. Manifesto ao Serviço do Personalismo. Lisboa. Livraria Moraes, 1967.

_____. Introdução aos existencialismos. Lisboa. Livraria Moraes, 1963.

RAMPAZZO, Lino. Antropologia das Religiões e Valores Cristãos. São Paulo. Loyola, 1996.

REALE, Giovane; **ANTISERI**, Dario. História da Filosofia; de Nietzsche à Escola de Frankfurt . Vol. 06. São Paulo. Paulus, 2006..

SEVERINO. PESSOA E EXISTÊNCIA: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier. São Paulo. Autores Associados. Cortez, 1983.

VAZ, Henrique C. Lima. Antropologia Filosófica I. Belo Horizonte. Loyola, 1991.

VICENTINO, Cláudio. História geral. São Paulo. Scipione, 2002.